



**Programa de Pós-Graduação Lato Sensu
Especialização em Educação Física Escolar**

Campus Duque de Caxias

Wallace dos Santos Freitas

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM AFROPERSPECTIVA: uma revisão
sistemática a partir da lei 10639/2003**

DUQUE DE CAXIAS – RJ

12/2018

Wallace dos Santos Freitas

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM AFROPERSPECTIVA: uma revisão sistemática a partir da lei 10639/2003

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-graduação lato sensu em Educação Física Escolar do Instituto Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ingrid Ferreira Fonseca

DUQUE DE CAXIAS – RJ

12/2018

CIP - Catalogação na Publicação

F862e Freitas, Wallace dos Santos
A Educação Física escolar em afroperspectiva : uma revisão sistemática
a partir da lei 10.639/2003 / Wallace dos Santos Freitas.
-- Duque de Caxias, 2018.
30 f. ; 30 cm.

Orientação: Ingrid Ferreira Fonseca.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) -- Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Especialização em
Educação Física Escolar, 2018.

1. Educação física para as crianças. 2. Educação física - Cultura afro-
brasileira. 3. Epistemicídio. 4. Afroperspectividade. 5. Lei nº 10639/03. I.
Título.

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do IFRJ -
Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC, com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária: Cassia R. N. dos Santos CRB-7/4903

Wallace dos Santos Freitas

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM AFROPERSPECTIVA: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA A PARTIR DA LEI 10639/2003**

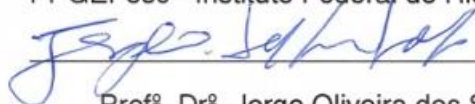
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-graduação lato sensu em Educação Física Escolar do Instituto Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista.

Data da aprovação: 14/12/2018



Prof^ª. Dr^ª Ingrid Ferreira Fonseca

PPGEFesc - Instituto Federal do Rio de Janeiro



Prof^º. Dr^º. Jorge Oliveira dos Santos

PPGEFesc – Instituto Federal do Rio de Janeiro



Pro^ª Ms^ª. Tais de Almeida Costa

SEEDUCRJ

DUQUE DE CAXIAS – RJ

11/2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta produção acadêmica, primeiramente a Deus, que me deu sustento e força durante a produção desta obra, me proporcionou a vida e uma família. A Nossa Senhora Mãe da África, a Senhora Sant"ana, padroeira do Jongo, a São Benedito, a Santa Efigênia, a Santo Antonio de Catigeró e a São Bento, protetor dos capoeiristas. Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar, me educaram e me proporcionaram chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a construção deste trabalho. Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Celso Freitas Branco e Vera Lucia dos Santos Freitas, por me proporcionar os principais meios para que eu pudesse chegar até aqui. Aos professores do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física escolar do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro – Campus Duque de Caxias, em especial a Ingrid Ferreira Fonseca, minha orientadora por toda a dedicação e paciência. Aos colegas de turma, pela força e incentivo toda vez que necessário. A Priscila carvalho pela parceria e dedicação, saiba que você foi muito importante na conclusão deste trabalho. A Rodrigo Magalhães, um amigo pra vida que a pós me deu. A Israel Souza, a Erika Verling, e a Ivy Brum. A Juliana Correia, que me ajudou no inicio de tudo, a escolher o curso, as referencias para o projeto, as datas para inscrição e principalmente, obrigado por me fazer acreditar. Todos vocês, muito obrigado.

FREITAS, W. S. A educação física escolar em afroperspectiva: uma revisão sistemática a parti da lei 10639/2003. p. 30. (Trabalho de conclusão de curso). Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Duque de Caxias, RJ, 2018.

RESUMO: Este estudo tem por objetivo identificar a existência de perspectivas africanas ou afrodiáspóricas de pensamento entre os referenciais teóricos das publicações que tratam das manifestações culturais africanas e afro-brasileiras na educação física escolar e conjuntamente observar em que percentual os textos escritos por autores negros são utilizados como parte do referencial teórico destas publicações. Trata-se de uma revisão de literatura sistemática de artigos nacionais dos últimos 15 anos (2003-2018), após a promulgação da lei 10639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. A busca foi realizada nas revistas: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e Pensar a Prática utilizando termos descritores de busca relacionados à: capoeira e cultura, frevo e cultura, samba e cultura, boi e cultura e maculelê e cultura. Foram encontrados 24 artigos que incluíram estas manifestações nos estudos em educação física escolar e identificamos, neste período, que os textos escritos por autores negros, correspondem a 10,5% do referencial teórico total destas publicações. No que diz respeito à filosofia africana ou afrodiáspórica como parte do referencial teórico, apenas dois artigos incluíram estas perspectivas de pensamento.

Palavras chave: Educação Física Escolar. Lei 10639/2003. Epistemicídio. Racismo. Afroperspectividade.

FREITAS, W. S. A. Physical school education in afroperspective: a systematic review based on the law 10639/2003. p. 30. (Final paper). Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Duque de Caxias, RJ, 2018.

ABSTRACT: The aim of this study is to verify the presence of African or Afro-Diasporic perspectives of thought among the theoretical references of the publications dealing with African and Afro-Brazilian cultural manifestations in school physical education and jointly to observe in what percentage the texts written by authors are used as part of the theoretical reference of these publications. It is a review of the systematic literature of national articles of the last 15 years (2003-2018), after the enactment of Law 10639/2003, which made the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture in schools compulsory. The search was conducted in the magazines: Brazilian Journal of Sport Sciences (RBCE) and Thinking the Practice using terms search terms related to: capoeira and culture, frevo and culture, samba and culture, boi and culture and maculelê and culture. We found 24 articles that included these manifestations in studies in school physical education and identified, in this period, that texts written by black authors correspond to 10.5% of the total theoretical reference of these publications. With regard to African or Afro-Diasporic philosophy as part of the theoretical framework, only two articles included these perspectives of thought.

Key words: Physical School Education. Law 10639/2003. Epistemicide. Racism. Afroperspectividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. METODOLOGIA	12
3. CULTURA DE MATRIZES AFRICANAS OU AFROBRASILEIRAS	14
4. EPISTEMICIDIO COMO PROBLEMA E AFROPERSPECTIVIDADE COMO ALTERNATIVA	15
5. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
7. REFERÊNCIAS	25
8. ANEXOS	30

. INTRODUÇÃO

Após a eleição presidencial de 2002, que resultou na vitória do partido dos trabalhadores, o país passa a viver uma mudança em seu cenário político. Um governo popular estava sendo implantado e junto ascendiam as inúmeras demandas dos movimentos sociais. Em 2003, no início de seu mandato, o então presidente Luis Inácio Lula da Silva, sanciona a Lei 10639/2003 - que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. É importante ressaltar que está é uma das ações afirmativas que se tornou possível graças à luta histórica do movimento negro no Brasil em favor da educação. A Lei 10639/2003 altera a Lei 9394/96 que passa a vigorar com o acréscimo dos artigos: 26-A e 79-B:¹

No decorrer do processo de aprovação da lei, foram vetados o parágrafo 3 do artigo 26-A e o artigo 79-A. O artigo 79-A, acrescentado pelo projeto a Lei 9394/96 estabelecia que: “Os cursos de capacitação para professores deverão contar com a participação de entidades do movimento afro-brasileiro, das universidades e de outras instituições de pesquisa pertinentes à matéria.” Consideramos que este artigo da lei seria de grande serventia na capacitação dos educadores, uma vez que este localiza as entidades do movimento negro como sujeitos, protagonistas do ensino de sua própria história. Outro fator a destacar é a contínua resistência por parte de algumas escolas em cumprir as diretrizes estabelecidas na lei. O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira não é inserido no currículo em diversas unidades de ensino, que apresentam entre os argumentos a falta de preparo por parte dos professores, a ausência de material didático ou simplesmente questões religiosas.

Apesar do veto ao artigo 79-B, algumas universidades e entidades do movimento negro tem se empenhado na capacitação de professores visando auxiliar na efetivação da lei. Cursos de extensão, pós- graduação, palestras, oficinas, seminários, simpósios e congressos que tratem das relações raciais no Brasil são ministrados, artigos, dissertações e teses são publicados, porém, nem sempre com o apoio necessário.

Em relação à educação física escolar, área da educação a ser analisada neste artigo, podemos dizer que chegando ao Brasil ainda no século XIX, passa por diversos períodos históricos, quase sempre a serviço de um pano de fundo

¹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

ideológico que partia das elites. Em suas primeiras abordagens, as manifestações culturais africanas ou afro-brasileiras, não estavam incluídas como parte do conteúdo. A perspectiva higienista, conhecida por estimular os hábitos de saúde e higiene na população, o desenvolvimento do físico e da moral, se constitui como uma das primeiras abordagens. Ainda no início do século passado, os métodos ginásticos franceses, suecos e alemães surgem da necessidade da sistematização de uma educação física escolar. A educação física militarista na era Vargas, com fortes traços da eugenia social, a escola-novista ou pedagogicista e a esportivista na ditadura militar, compõe junto às citadas anteriormente, o grupo das primeiras abordagens em educação física escolar no Brasil (DARIDO, 2003).

Estas primeiras abordagens, que foram classificadas por Darido (2003), como conservadoras e tecnicistas, desconsideram toda a diversidade racial e cultural na qual está constituída a população brasileira.

A partir da década de 1980, com a abertura política, outras concepções em educação física escolar aparecem. Na busca de um ensino não tecnicista e conservador, cada uma é inspirada por uma visão de mundo pautada em diversas áreas da ciência. Segundo Oliveira (1997), os idealizadores de cada tendência, tomando como base um determinado referencial teórico e direcionamentos metodológicos específicos, buscam legitimar a educação física dentro do sistema educacional.

Neste contexto, surgem diversas destas abordagens em Educação física escolar, tais como: Desenvolvimentista; Construtivista-Interacionista; Crítico-superadora; Sistêmica; da Psicomotricidade; Crítico-Emancipatória; Cultural; Dos Jogos Cooperativos; Saúde Renovada e dos PCNs (DARIDO, 2003).

Na perspectiva popularizada como abordagem Cultural, Daólio (2004, p. 9) aponta que: “O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza.” Para o autor a cultura é o principal conteúdo da educação física. Outro aspecto levantado por Daólio (2004) é que o termo cultura tem sido abordado de forma preconceituosa e hierarquizada.

Destacamos ainda os PCNs (1998, p.39) ao afirmarem que: “As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado.” De acordo com os PCNs, tais

conhecimentos contribuem para: (...) “a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte” (loc. cit.).

Inicialmente, percebemos a relevância destes autore(a)s, que ao inserirem a questão cultural ao debate, avançam em direção a um modelo de educação física escolar plural, buscando uma aproximação à realidade cultural e racial brasileira. Reconhecemos a contribuição de autore(a)s como Daólio (2004), pois, o mesmo não só trás a cultura para as discussões, como a insere no centro do debate e chega a afirmar que a cultura é o seu principal conteúdo.

Contudo, ressaltamos que mesmo este(a)s, autor(a)s ao reconhecerem a importância de uma educação física escolar que considere a perspectiva cultural, aparentemente, apresentam um referencial teórico centrado nos Estados Unidos e Europa. A abordagem cultural de Daólio, por exemplo, tem no antropólogo francês Marcel Mauss e o norte americano de origem europeia, Clifford Geertz, suas principais referências. (DAÓLIO, 2004) A abordagem Crítico-Emancipatória, proposta por Elenor kunz, tem o paradigma epistemológico Fenomenológico como base e encontra no filósofo e sociólogo alemão Habermas suas principais referencias (HERMIDA et al. 2010).

Identifica-se nas produções acadêmicas apresentadas até então, a busca por um modelo que tem no continente europeu a sua centralidade. Surge então a hipótese de que as perspectivas de pensamento dos povos não brancos que compõem a população brasileira foram e ainda são negligenciados na produção do conhecimento em educação física escolar do país, mesmo nos deparando com culturas não brancas, como o caso da cultura africana.

Inquietados por esta realidade e motivados pelos 15 anos da Lei Federal 10.639/2003 - que através da luta do movimento negro no Brasil, tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas, verificou-se a necessidade desta pesquisa.

Este estudo tem como objetivo geral realizar um levantamento dos artigos que incluíram as culturas de matrizes africanas ou afro-brasileiras nas pesquisas em educação física escolar após a sanção da Lei 10639/2003. Os objetivos específicos

são: verificar a existência de perspectivas africanas ou afrodiaspóricas² de pensamento entre os referenciais teóricos destes artigos; observar em que percentual os textos escritos por autores negros são utilizados como parte do referencial teórico destas publicações.

Como apoio teórico, nos baseamos na proposta da afroperspectividade, sistematizada por Nogueira (2012) como possibilidade de uma educação física escolar que considere as perspectivas africanas e afrodiaspóricas na produção do conhecimento.

Para nos auxiliar e refletir sobre esta problemática, traremos a discussão autore(a)s de outras áreas do conhecimento, pois segundo Gamboa (2010-2011, p.76): “Tanto a Educação, como a Educação Física, são tributárias de outras áreas, tais como, a Sociologia, a Psicologia, a Biologia, a História, a Filosofia.”

Iniciaremos o primeiro tópico apresentando algumas manifestações culturais africanas e afro-brasileiras e a sua relação com a educação física escolar. Posteriormente, discutiremos sobre o conceito de epistemicídio e afroperspectividade.

Neste contexto, reconhecemos a importância do pensamento ameríndio e demais pensamentos negligenciados pela academia na construção de uma educação física escolar pluriversal³, porém este estudo tratará prioritariamente das perspectivas africanas de pensamento.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura sistemática. Pesquisamos as bases de dados eletrônicas da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), que está sob a responsabilidade do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e atualmente é editada e mantida pelo Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UNB) em parceria com a Elsevier. E também a revista Pensar a Prática, periódico científico da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás. A escolha das respectivas revistas

² Está relacionado à diáspora africana. Perspectiva de pensamento que parte da experiência dos descendentes de africanos nas Américas.

³ O que não se pretende universal, reconhece todas as perspectivas como válidas e não somente um único ponto de vista.

se deu pela relevância que estas possuem no cenário da educação física escolar, estando classificadas na plataforma capes pelas notas B1 e B2 respectivamente. Realizamos as pesquisas através de busca manual, (a RBCE apresentou problemas na busca por operadores booleanos) com restrição de idioma, incluindo somente artigos escritos em português (período de 2003 a 2018). Palavras no texto: 1) capoeira e cultura; 2) frevo e cultura; 3) samba e cultura; 4) boi e cultura; 5) maculelê e cultura.

Para *sulear*⁴ esta pesquisa, utilizamos a seguinte questão: em que percentual os textos escritos por autores negros são utilizados como parte do referencial teórico destes artigos?

Os critérios de exclusão foram respectivamente: a) as manifestações culturais africanas e afro-brasileiras foram incluídas, mas não houve desenvolvimento do tema no artigo; b) artigos desenvolvidos fora da temática da educação física escolar.

Posteriormente observamos títulos, resumos, palavras chaves, corpo do texto e o referencial teórico dos artigos incluídos a fim de identificar a presença das perspectivas africanas e/ou afrodiaspóricas de pensamento. Do mesmo modo, analisamos o referencial teórico destes artigos a fim de identificar a presença de autores negros. Utilizamos como base para a consulta de referenciais africanos e/ou afrodiaspóricos a filosofia afroperspectivista (2011), uma vez que a afroperspectividade integra em sua base um conjunto de epistemologias africanas e afrodiaspóricas de pensamento (NOGUERA, 2015). Para a consulta aos autores, utilizamos como apoio a plataforma do currículo Lattes e utilizamos por critério o fenótipo, pois segundo Moore (2007, p. 22), “O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta a negação ou à confusão. É ele, não os genes, que configuram os fantasmas que nutrem o imaginário social; que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais”.

⁴ A expressão *sulear* aqui é utilizada em oposição ao termo *nortear*. Concordamos com Santos e Meneses (2010, pág. 19) no livro, *Epistemologias do Sul*, onde o termo *sul* é entendido como: “um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo.”

3. CULTURAS DE MATRIZES AFRICANAS OU AFROBRASILEIRAS

No que se refere às relações raciais no Brasil, em especial a lei 10639/2003, consideramos a Educação Física escolar como um campo de inúmeras possibilidades, em especial se considerarmos que em Daólio (2004, p. 9):

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica.

Nesta perspectiva, a Educação Física se torna um solo fértil para o ensino de conteúdos referentes à história e Culturas africanas e Afro-Brasileiras. A fundação cultural palmares listou em sua página, diversas destas manifestações culturais negras. Destacamos aqui uma parte destas que consideramos como possibilidades para as aulas de educação física, assim como: o bumba meu boi, o cacuriá, a capoeira, o carimbó, a ciranda, o frevo, o jongo, o maculelê, o samba, o samba de roda, a sambada de coco (ou coco de roda), o tambor de crioula, e o reisado de congo. (PALMARES, 2018).

Neste contexto, ao tratar do conteúdo capoeira, prática corporal de matriz africana, Soares Et ali (2012, p. 75) nos diz que: “A capoeira encerra em seus movimentos a luta da emancipação do negro no Brasil escravocrata.”. Para o autor, o professor de Educação Física deve ensinar a Capoeira preservando-a enquanto manifestação cultural, não separá-la de sua historicidade ou do movimento político e cultural na qual ela foi criada (SOARES Et ali, 2012).

Em seu livro, Dança da Guerra, o antropólogo afro-brasileiro Júlio Tavares (2012) nos conta ter sido o corpo a principal arma de resistência da população negra na diáspora. O corpo negro, mesmo enfrentando todos os processos assimilativos próprios de um sistema de colonização, guarda em si uma espécie de saber que se dá através do movimento, o que o mesmo define como “saber corporal”. Este saber estaria presente na Capoeira, no Jongo, no Maculelê e nas diversas manifestações culturais afro-brasileiras, e estas, dotadas de um possível sentido emanado através de seus movimentos. (TAVARES, 2012).

O filósofo afro-brasileiro Renato Nogueira (2011, p. 54), afirma que “Capoeira, jongo, congada, camdomblé e maracatu são alguns exemplos do riquíssimo

universo cultural afro-brasileiro.” Para o filósofo, uma filosofia afro-brasileira deve dialogar abertamente com todo esse cenário cultural. (NOGUERA, 2011)

Entendemos que, assim como na filosofia afro-brasileira, a educação física escolar no Brasil deve dialogar com esse universo cultural afro-brasileiro e essencialmente considerar essa mesma filosofia como uma das bases para pensar essas práticas. Percebemos aqui o Jongo, a Capoeira e estas outras diversas manifestações culturais afro-brasileiras possíveis conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de educação física e conjuntamente servir de objeto de estudo por acadêmicos.

4. EPISTEMICÍDIO COMO PROBLEMA E A AFROPERSPECTIVIDADE COMO ALTERNATIVA

É de considerar que o racismo anti-negro tenha contribuído para a inferiorização da cultura e do pensamento africano no mundo. Pautados pelo que foi chamado de racismo científico, cientistas do século XIX justificaram suas ideias através de estudos de crânios de povos africanos e ameríndios. Estes pseudoestudos apontaram diferenças entre os crânios que corroboraram para uma suposta superioridade caucasiana em relação a africanos e ameríndios. Essas teorias contribuíram para dar legitimidade a expulsão dos povos ameríndios, a escravidão e a colonização de povos africanos.

Para Noguera (2011, p. 15), entre seus maiores impactos:

... a colonização implicou na desconstrução da estrutura societal, reduzindo os saberes dos povos colonizados a categoria de crenças ou pseudosaberes sempre lidos a partir da perspectiva eurocêntrica. Essa hegemonia, no caso da colonização do continente africano, passou a desqualificar e inviabilizar os saberes tradicionais, proporcionando uma completa desconsideração do pensamento filosófico desses povos. Neste sentido, estamos diante do racismo epistêmico.

Embora concordemos que os processos de colonização colocaram o negro em posição de subalternos aos demais povos, sabemos por Moore (2007), escritor e cientista social afro-cubano, que o racismo anti-negro⁵ remete a períodos bem mais antigos da história, não se limitando ao continente europeu e suas colônias. Em seu livro racismo e sociedade, Moore(2007) descreve o desenvolvimento do que o

⁵ Espécie de racismo direcionado a pessoas negras.

mesmo denominou de ideias proto-racistas⁶ por pensadores da antiguidade entre Romanos e Gregos. A escravidão que foi comumente praticada pelos gregos e romanos era direcionada aos bárbaros, nome que era dado aos povos que viviam fora do domínio de seu império e sua cultura. Contudo, essa escravidão praticada por gregos e romanos não era definida somente por questões de etnia ou território. Os filósofos gregos, por exemplo, viam uma condição natural, biológica, que colocaria os povos não gregos mais aptos à escravidão. Este Proto-racismo foi também encontrado em antigos textos sagrados na Índia e no mundo Árabe-Semita. Na perspectiva do autor, a representação negativa do negro na literatura poética e religiosa da antiguidade e a escravidão da população da África Subsariana por árabes mulcumanos, evidenciam um dos primeiros relatos do racismo anti-negro na história (MOORE, 2007).

Em sua tese de doutorado, Sueli Carneiro (2005), filósofa e escritora afro-brasileira, descreve alguns dos pensamentos de Kant e Hegel. Estes que estão entre os principais nomes da filosofia moderna, classificaram as raças atribuindo certas características que os tornavam diferentes uma das outras. O europeu ocuparia então um lugar superior, sendo o povo mais apto ao desenvolvimento da humanidade, enquanto os negros africanos ocupariam uma posição mais baixa, sendo incapazes de criar qualquer tipo de cultura ou civilização.

A ideia de superioridade racial é fortemente defendida por Kant (1993, pág. 75-76), para o autor:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. (Apud NOGUERA, 2011, pág. 18)

É possível perceber também como Carneiro (2005) relata a objetificação do negro no Brasil. Este que antes era objeto de trabalho passa a ser objeto de pesquisa, após os inúmeros pedidos de Silvo Romero, sociólogo e jornalista

⁶ Relacionado ao proto-racismo. Início das ideias racistas, tipo de racismo praticado na antiguidade.

brasileiro, que indagava aos cientistas tupiniquins a respeito da falta de produção acadêmica sobre o negro e sua cultura. Romero critica os pesquisadores brasileiros e cita os ingleses como referência por estes terem se dedicado e na perspectiva do autor, avançado no estudo da cultura africana e Indu. Para o autor, o pesquisador brasileiro tinha o material (o negro) em casa, a África na cozinha e a América nas selvas. A partir de então se inicia toda uma série de pesquisas sobre o negro, sua língua e sua religião. Esta disputa que está situada no campo do saber em esferas internacionais, se traduz em uma disputa de poder, um poder sobre o saber sobre o negro, uma disputa entre homens brancos, relegando ao negro a condição de objeto e nunca de sujeito.

Através de Foucault, filósofo e historiador francês, Carneiro (2005), nos mostra como as relações de poder estão intimamente vinculadas e dependentes da construção de uma esfera do saber e todo saber também concebe novas relações de poder. Essa recusa em reconhecer o negro enquanto sujeito capaz de construir e pensar a própria história estariam em favor de um projeto de subalternização e exclusão.

A deslegitimação do pensamento africano, e o não reconhecimento de pessoas negras enquanto indivíduos capazes de produzir um conhecimento válido estariam assim a serviço de uma geopolítica racista e eurocêntrica.

Não reconhecer essas formas de conhecimento implica deslegitimar as práticas sociais que a sustentam e, nesse sentido, promover a exclusão social dos que as promovem. O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão européia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista) (SANTOS, 1999, p. 283).

Para a autora, entretanto, o epistemicídio no Brasil possui algumas particularidades. A condição de escravizado ao qual o africano foi submetido, a educação brasileira a cargo dos jesuítas, no qual os negros foram excluídos, a objetificação e a desqualificação de sua capacidade intelectual por parte de cientistas brasileiros, contribuem para essa afirmação:

... o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção

da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

Vale lembrar que a capoeira, o samba e os cultos africanos foram perseguidos e proibidos no Brasil republica. (TAVARES, 2012)

Para o filósofo português Boaventura de Souza Santos e a antropóloga moçambicana Maria Paula Meneses (2010, p. 15): “Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido.”.

O conjunto dessas perspectivas epistemológicas africanas, afrodiaspóricas, indígenas e ameríndias negligenciadas até então, no cenário brasileiro, serão denominadas por Noguera (2015) por afroperspectividade ou filosofia afroperspectivista. A afroperspectividade, ou filosofia afroperspectivista encontra no tripé, afrocentricidade do filósofo e historiador afro-americano Molefi Asanti, perspectivismo ameríndio do antropólogo brasileiro Viveira de Castro e o quilombismo do escritor, economista e ativista afro-brasileiro, Abdias do Nascimento, sua base referencial. (NOGUERA, 2015)

Sendo assim, em afroperspectivade, o professor, ou o pesquisador tem a oportunidade de pensar e estabelecer sua prática pedagógica tendo como referencial as inúmeras perspectivas africanas, afrodiaspóricas, ameríndias e indígenas de pensamento.

Destacamos aqui em Noguera (2015), alguns pontos da filosofia afroperspectivista que consideramos de extrema relevância para a construção de uma educação física escolar que tem por objetivo a pluriversidade: 1) reconhece a existência de várias perspectivas; 2) “define a filosofia como uma coreografia do pensamento”; 3) “define o pensamento como o movimento de ideias corporificadas porque só é possível pensar através do corpo”; 4) é policêntrica, “percebe, identifica

e defende a existência de várias centricidades e de muitas perspectivas”; 5) utiliza a roda como método, inspirada nas rodas de samba, candomblé, jongo e capoeira, colocando diversas perspectivas na roda antes de encontrar uma alternativa; 6) é devedora da filosofia Ubuntu⁷ do filósofo sul-africano Mogobe Ramose; 7) define competição enquanto cooperação, visando o bem estar de toda comunidade, buscando em conjunto as melhores alternativas em um dado contexto, estas alternativas não devem ser as únicas e tampouco permanentes; 8) e por fim, é devedora do Nguzo saba, os sete princípios éticos sistematizados pelo filósofo afro-americano Maulana Karenga, que ajudam a organizar e orientar a vida:

A saber: Umoja (unidade): empenhar-se pela comunidade; Kujichagulia (autodeterminação): definir a nós mesmos e falar por nós; Ujima (trabalho e responsabilidade coletivos): construir e unir a comunidade, perceber como nossos os problemas dos outros e resolvê-los em conjunto; Ujamaa (economia cooperativa): interdependência financeira, recursos compartilhados; Nia (propósito): transformar em vocação coletiva a construção e o desenvolvimento da comunidade de modo harmônico; Kuumba (criatividade): trabalhar para que a comunidade se torne mais bela do que quando foi herdada; Irani (fé): acreditar em nossas(os) mestres. (NOGUERA, 2015).

Contrariando a ideia de que a filosofia seja uma prática exclusiva do ocidente, sendo o berço a Grécia antiga, em Noguera (2011), as reflexões filosóficas são entendidas enquanto parte da condição humana. O pensamento filosófico, assim como a arquitetura e a religiosidade, deve ser considerado na categoria de: “produções humanas verificáveis em todas as sociedades e culturas, sem datação determinada e sem local específico de surgimento”. (NOGUERA, 2011, p. 30)

Portanto, uma abordagem filosófica que se pretende afroperceptivista deve ser pluralista e estar comprometida com a desconstrução do racismo epistêmico antinegro. Através da promoção das produções africanas e afrodiasporicas objetiva uma sociedade intercultural e não hierárquica e reconhece diversos territórios epistêmicos. (NOGUERA, 2011, p. 30)

⁷ Consiste de duas palavras numa só. O prefixo ubu- e a raiz ntu. Ubu evoca a ideia de ser, em geral. Este conceito enfatiza alianças entre as pessoas e as relações entre estas. Trata-se de uma categoria epistêmica e ontológica fundamental do pensamento Africano dos grupos que falam línguas Banto. (RAMOSE 2010, pág. 175)

5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

No período que corresponde a nove de janeiro de 2003 (data da sanção da Lei 10639/2003) até o dia 24 de novembro de 2018, (data de encerramento da pesquisa) a revista RBCE publicou 774 artigos, enquanto a revista Pensar a Prática publicou 606 artigos. Vale ressaltar que não estamos considerando as resenhas, ensaios e outros possíveis estudos em nossa contagem. Após a o primeiro critério de inclusão, que utilizou as palavras chaves apresentadas na metodologia, foram recuperados 33 artigos na revista RBCE e 36 artigos na revista Pensar a Prática, 69 no total. Seguindo respectivamente os critérios de inclusão e exclusão, eliminamos através da leitura no corpo do texto os artigos onde as culturas africanas e afro-brasileiras foram incluídas, mas não houve desenvolvimento do tema no artigo.

Observados os critérios de inclusão e exclusão por tema desenvolvido no texto, chegamos a 24 artigos pela RBCE e 21 artigos pela revista Pensar a Prática, somando 45 artigos no total. O próximo passo foi excluir os artigos que estivessem sendo desenvolvidos fora da perspectiva da educação física escolar. Desta forma chegamos ao total de 12 artigos publicados pela RBCE, somado a 12 artigos publicados pela revista Pensar a Prática. Sendo assim, somando as publicações das respectivas revistas, no período correspondente, encontramos 24 artigos que incluíram as culturas afro-brasileiras nas pesquisas em educação física escolar.

Alem das manifestações culturais utilizadas como critério de busca, (capoeira, samba, frevo, maculelê e boi) encontramos, nos estudos, as seguintes praticas: dança afro, bumba meu boi, dança do boi, samba de roda, jongo, coco, maracatu, roda de samba, batuque, carimbó, ciranda, dança do café e brincadeiras e jogos de matriz africana.

A palavra capoeira aparece em 22 dos 24 artigos, sendo a manifestação afro-brasileira mais citada nestes estudos. É importante ainda destacar que, grande parte dos autores que tiveram seus artigos analisados, por esta pesquisa, apresenta algum tipo de envolvimento com a capoeira descrito no currículo Lattes ou no próprio artigo publicado. Pelo que parece, a capoeira tem sido o grande ponto de partida para as pesquisas em cultura afro-brasileira na educação física escolar.

No que diz respeito à filosofia africana ou afrodiaspórica como parte do referencial teórico nas pesquisas em educação física escolar, apenas dois artigos incluíram estas perspectivas de pensamento. As perspectivas africanas ou

afrodiaspóricas utilizadas foram à filosofia ubuntu, a afrocentricidade, os valores civilizatórios africanos e os valores civilizatórios afro-brasileiros. A publicação de ambos os artigos se deu pela RBCE.

Dos 24 artigos que incluíram as culturas africanas e afro-brasileiras na educação física escolar, 16 apresentaram autores negros em seu referencial teórico. O sociólogo jamaicano Stuart Hall é o autor negro mais citado entre as referências, Hall chega a ser mencionado em nove das 24 publicações incluídas.

Dentre os artigos analisados, identificamos, que os referenciais teóricos produzidos por autores negros, são utilizados em 32/237 vezes como referência pela RBCE, e 18/286 vezes pela revista Pensar a Prática, respectivamente, 13,5% e 6,3% das referências. Encontramos assim um total de 50/523 vezes em que essas referências são utilizadas nas pesquisas, 9,5% do percentual total.

Tabela 1 Estudos analisados, RBCE.

Artigos	Quantidade de referencial teórico utilizado	Quantitativo de referencial teórico escrito por autores negros	Perpectivas africanas ou afrodiaspóricas	Manifestações Afro-brasileiras
FALCÃO, 2007	41	1	X	frevo; boi bumbá; samba de roda; capoeira; jongo; coco; maculelê
BUOGO, 2011	13	0	X	samba de roda; samba; batuque; carimbo; dança do café; frevo
PEREIRA ET AL, 2018	24	5	X	capoeira; samba; maculele; boi
DA SILVA ; FERREIRA, 2012	22	4	X	Capoeira
SILVA, 2011	16	2	X	Capoeira
NEIRA ; NUNES, 2011	15	2	X	Capoeira

DE ALMEIDA, 2008	21	6	X	capoeira; samba
DE LACERDA ; DA COSTA, 2012	16	0	X	Capoeira
SOUZA JUNIOR, 2007	8	0	X	capoeira; frevo
DE ARAUJO ; NETO, 2008	26	5	valores civilizatórios afro-brasileiros	capoeira; samba; maculele; maracatu; jogos tradicionais
NEIRA, 2018	23	1	X	capoeira; maracatu; brincadeiras e jogos africanos
BINS ; NETO, 2017	10	6	ubuntu; afrocentricidade; v. c. africanos	Capoeira
Total	237	32	4	

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Estudos analisados, Pensar a Prática.

Artigos	Quantidade de referencial teórico utilizado	Quantitativo de referencial teórico escrito por autores negros	Perpectivas africanas ou afrodiáspóricas	Manifestações Afro-brasileiras
SANTOS ; PALHARES, 2010	20	0	X	Capoeira
NEIRA, 2008	15	2	X	dança do Boi
SBORQUIA ; DALBEN, 2017	36	5	X	dança afro; samba de roda; jongo; coco; maracatu; ciranda; capoeira
DA ROCHA ; DAÓLIO	13	0	X	Capoeira
RUFINO ; DARIDO, 2011	23	0	X	Capoeira
NORONHA ; PINTO,	18	2	X	capoeira; samba

2004				
SILVEIRA et all, 2016	22	0	X	Capoeira
BUSS-SIMÃO ; FIAMONCINI, 2013	21	0	X	Capoeira
OLIVEIRA ; DAÓLIO, 2011	30	1	X	Capoeira
ETO ; NEIRA, 2017	46	1	X	capoeira; samba
SANTOS ; PIMENTEL, 2015	23	5	X	capoeira; jogos africanos; jogos afro-brasileiros
FALCÃO, 2004	20	2	X	Capoeira
Total	286	18	X	

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que os dois artigos que utilizaram perspectiva africanas foram produzidos por autore(a)s branc(o)as e tiveram a coautoria do professor Dr. Vicente Molina Neto, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ambos são estudos de caso etnográficos onde a experiência de um(a) professor(a) negro(a) é relatada e analisada. A princípio, este cenário nos faz recordar os casos citados na tese de Carneiro (2005) onde negros estão situados como objeto de estudo por homens brancos. Porém, os respectivos artigos De Araujo ; Neto (2008) e Bins ; Neto (2017), apresentam características diferentes das pesquisas citadas por Carneiro. Nos artigos aqui analisados, o negro é entendido não só como objeto de estudo, ele é parte fundamental do referencial teórico. Se anteriormente o que motivavam os pesquisadores eram as relações entre saber e poder, os estudos de de Araujo ; Neto (2008) e Bins ; Neto (2017) demonstram ter como uma de suas preocupações: apresentar novas possibilidades no trato com o conhecimento em educação física escolar, sobretudo no que se refere as relações étnico-raciais.

Infelizmente, as perspectivas africanas ou afrodiaspóricas de pensamento são pouco difundidas no meio da educação física escolar, pela pesquisa realizada. Podemos dizer que, o histórico de negligencia, racismo e epistemicídio apresentado

nesta pesquisa, sobretudo no período colonial, tenham contribuído para esta realidade.

Outro aspecto a ser considerado, é que o epistemicídio, além de negligenciar e desconsiderar as práticas e conhecimentos da população negra, também contribui para a negação ao acesso a educação. Desta forma, podemos dizer que o epistemicídio está diretamente relacionado a uma menor incidência de negros no ensino superior em relação a brancos, o que impossibilita um número maior de publicações escritas por estes autores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber que somente 9,5% dos textos utilizados como referencial teórico foram produzidos por autores negros é um dado preocupante, sobretudo se considerarmos que: “O Brasil é o país de maior concentração de população negra fora do continente africano, 50,7% da população são negros.” (BINS, ; NETO, 2017, pág. 248)

Desse modo, podemos dizer que pensar a educação física escolar através da cultura é também colocar em pauta as relações étnico-raciais a fim de contribuir para a desconstrução do racismo epistêmico. Os males causados historicamente pelo epistemicídio só serão superados a partir do embate direto, confrontando padrões e desnaturalizando o que até então é tido como hegemônico na educação física escolar. Considerar novas epistemologias, refletindo sobre formas de conhecimentos até então negligenciados, além de possível, é algo emergencial para que sigamos um caminho de pluriverlidade.

Destacamos ainda que a realidade da comunidade negra atual está totalmente relacionada aos acontecimentos passados (ancestrais) e que nossas ações no presente irão afetar diretamente a vida daqueles que ainda estão para nascer. Assim como o racismo anti-negro praticado na antiguidade e os processos de colonização implicaram na desqualificação do pensamento e das práticas dos povos africanos na atualidade, as ações afirmativas em favor da população negra são frutos dos inúmeros embates anti-racistas promovidos historicamente pelo movimento negro brasileiro em favor da educação.

O que se pretende aqui, não é a substituição de uma prática pela outra. Não desejamos abolir os conteúdos das danças, lutas, jogos, esportes e ginásticas já

conhecidos e que tem se perpetuado nas aulas de educação física escolar. Vale ressaltar que pensar a educação física escolar em afroperspectiva é também pensá-la através de vários centros, pois, como dito anteriormente, a afroperspectividade, é policêntrica e acredita em várias perspectivas. O que aspiramos como ideal é uma educação física escolar que inclua entre estas danças, lutas, jogos, esportes e ginásticas, as práticas culturais dos diversos povos que compõe a população brasileira. Sendo assim, uma educação física que se pretenda afroperspectivista deverá, além de pensar a sua prática através das inúmeras perspectivas africanas, afrodiaspóricas, ameríndias e indígenas de pensamento, dialogar com as diversas manifestações afro-brasileiras.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicoraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: CNE/CP. Resolução nº 01, 2004.

_____ Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BINS, G. N; NETO, V. M. Mojuodara: uma possibilidade de trabalho com as questões étnico-raciais na educação física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 39, n. 3, p. 247-253, jan. 2017.

BUOGO, E. C. B; LARA, L. M. Análise da dança como Conteúdo Estruturante da Educação Física nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 873-888, out./dez. 2011

BUSS-SIMÃO, M; FIAMONCINI, L. Educação Física na Educação Infantil: reflexões sobre a possibilidade de trabalhos com projetos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n.1, p.1- 319, jan./mar. 2013

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DARIDO, Suraya. **Educação Física na Escola, Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2003.

DA ROCHA, R. L. F; DAÓLIO, J. A prática pedagógica de educação física no Currículo de São Paulo: espaço de tensão entre o tradicional e o novo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 517-529, jan./mar. 2014

DA SILVA, L. C. D; FERREIRA, A. D. Capoeira Dialogia: O Corpo e o Jogo de Significados. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 665-681, jul./set. 2012.

DE ALMEIDA, J. A. et al. Discursos Identitários da Capoeira na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 171-185, set. 2008.

DE ARAÚJO, M. L; NETO, V. M. "ESSANEGRANÃO!" A Prática Política-Pedagógica de uma Professora Negra em uma Escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo de caso. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 203-225, jan. 2008.

DE LACERDA, C. G; DA COSTA, M. B. Educação Física na Educação Infantil e o Currículo da Formação Inicial. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 327-341, abr./jun. 2012.

ETO, Jorge; NEIRA, M. G. Em Defesa de uma Teoria Pós-crítica de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, jul./set. 2017.

FALCÃO, J. L. C. A Produção do Conhecimento na Educação Física Brasileira e a Necessidade de Diálogos com os Movimentos da Cultura Popular. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 143-161, set. 2007.

FALCÃO, J. L. C. Para Além das Metodologias Prescritivas na Educação Física: a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. **Pensar a Prática** 7/2: 155-170, Jul./Dez. 2004.

GAMBOA, Sanches. O debate da Pós-Modernidade: as teorias do conhecimento em jogo. **Paideia**. v. 2, n. 2 - out. 2010/mar. 2011.

HERMIDA, J. F; DA MATA, A. A; NASCIMENTO, M. A educação física crítico-superadora no contexto das pedagogias críticas no Brasil. **Anais do V Colóquio de Epistemologia da Educação Física**, Maceió-AL, 22 e 23 out. 2010. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/cepistef/v_cepistef/paper/viewFile/2672/1118> Acesso em 29/07/2018.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para a compreensão do racismo na história. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. Contribuições dos Estudos Culturais Para o Currículo da Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v. 40, n. 3, p. 215-223, jul./set. 2018.

NEIRA, M. G. A Cultura Corporal Popular Como Conteúdo do Currículo Multicultural da Educação Física. **Pensar a Prática**, 11/1: 81-89, jan./jul. 2008.

NOGUERA, Renato. **O Ensino da filosofia e a Lei 10639**. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

; _____ . Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. **Carta capital**: 04 jul. 2015. Entrevista concedida a Tomaz Amorim. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

NORONHA, F. D. A; PINTO, R. N. Capoeira nas Aulas de Educação Física: uma proposta de intervenção. **Pensar a Prática** 7/2: 123-138, Jul./Dez. 2004.

OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. Metodologias Emergentes no Ensino da educação Física. **Revista da Educação Física/UEM** 8(1), 1997. 21-27.

OLIVEIRA, R. C; DAÓLIO, J. Educação Intercultural de Educação Física Escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2011.

PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL. **Manifestações Culturais Negras**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=34089> Acesso em: 16 nov. 2018.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – **Educação Física** – Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

PEREIRA AS, et al. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.06.004>.

RAMOSE, Mogobe. B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de ; Meneses, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. A Separação dos Conteúdos das “Lutas” dos “Esportes” na Educação Física Escolar: necessidade ou tradição: **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.3, p.1-17, set./dez. 2011.

SANTOS, Boaventura. **Pelas Mãos de Alice** - o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SANTOS, Boaventura de S; Meneses, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, G. O; PALHARES, L. R. A Capoeira na Formação Docente de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.13, n.3, p.1-14, set./dez.2010.

SANTOS, S; PIMENTEL, G. C. de A. Manifestações Afro-brasileiras e Educação Emancipatória para o Lazer. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 1, jan./mar. 2015.

SBORQUIA, S. P; DALBEN, André. A Dança Afro-brasileira em Londrina – Paraná. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 2, abr./jun. 2017.

SILVA, PAULA C. Capoeira nas Aulas de Educação Física: alguns apontamentos sobre processos de ensino-aprendizado de professores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, out./dez. 2011.

SILVEIRA, G. C. F. et al. Educação Física Escolar e Programa Segundo Tempo: uma experiência de articulação curricular no centro pedagógico/UFMG. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 3, jul./set. 2016.

SOUZA JUNIOR, M. Educação Física numa Proposta Pedagógica em Ciclos de Aprendizagens. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 85-101, jan. 2007.

TAVARES, Julio Cesar de. **Dançada Guerra** - arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

8. ANEXOS

Anexo 1

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Anexo 2

§ 3º do art. 26-A, acrescido pelo projeto à Lei nº 9.394, de 1996:

"Art. 26-A.

§ 3º As disciplinas História do Brasil e Educação Artística, no ensino médio, deverão dedicar, pelo menos, dez por cento de seu conteúdo programático anual ou semestral à temática referida nesta Lei.